

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
CURSO DE PEDAGOGIA

FERNANDA DE ARAÚJO SOUSA

**A COMPREENSÃO DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS SOBRE A
IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E
LETRAMENTO DE CRIANÇAS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM
UMA ESCOLA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ/MA**

Imperatriz - MA
2024

FERNANDA DE ARAÚJO SOUSA

**A COMPREENSÃO DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS SOBRE A
IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E
LETRAMENTO DE CRIANÇAS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM
UMA ESCOLA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ/MA**

Monografia apresentada ao curso de Graduação
em Pedagogia da Universidade Federal do
Maranhão – UFMA, Centro de Ciências de
Imperatriz – CCIM, para obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Dijan Leal de Sousa

Imperatriz - MA
2024

FERNANDA DE ARAÚJO SOUSA

**A COMPREENSÃO DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS SOBRE A
IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E
LETRAMENTO DE CRIANÇAS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM
UMA ESCOLA MUNICIPAL DE IMPERATRIZ/MA**

Monografia apresentada ao curso de Graduação
em Pedagogia da Universidade Federal do
Maranhão – UFMA, Centro de Ciências de
Imperatriz – CCIM, para obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Dijan Leal de Sousa

Data da defesa: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Dijan Leal de Sousa
(Orientadora)

Profª Me. Vicente Marques de Castro Neto
(Examinador)

Profª Dra. Eloiza Marinho dos Santos
(Examinadora)

Imperatriz - MA
2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Sousa, Fernanda.

A Compreensão de Professoras Alfabetizadoras Sobre A Importância da Leitura Para O Processo de Alfabetização e Letramento de Crianças do 1º Ano do Ensino Fundamental Em Uma Escola Municipal de Imperatriz/ma / Fernanda Sousa. - 2024.

53 p.

Orientador(a): Dijan Sousa.

Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz/ma, 2024.

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Leitura. 4. .
5. . I. Sousa, Dijan. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, que me guiou, me deu forças, determinação e sabedoria para alcançar a realização desse sonho. Um sonho de infância que estava adormecido em meu coração e que criou chama em 2018. Quando tive a oportunidade de atuar como cuidadora infantil em uma instituição pública no município de Imperatriz, no mesmo ano realizei minha inscrição no curso de pedagogia e no meio do ano tive o prazer de conseguir a vaga.

Agradeço também a minha família que durante toda essa longa e difícil trajetória foram minha base, meu apoio e grandes incentivadores, em especial minha mãe Maria Helenilce, minha maior fonte de inspiração, força e dedicação em absolutamente tudo que faz.

Durante essa caminhada acadêmica tive o privilégio de fazer amizades muito valiosas que tornaram a caminhada muito mais leve e cheia de alegria, pessoas das quais pude partilhar não apenas os momentos bons e cheios de alegria, mas que também me ajudaram a carregar e suportar o fardo e o caos que também é a vida acadêmica, Paulo, Ananda, Guilherme, Camila e Talita vocês foram luz na minha vida.

A todo o corpo docente do curso de Pedagogia que durante todos esses anos compartilharam seus conhecimentos, com muita dedicação e comprometimento, contribuindo ricamente na minha formação.

Por último e não menos importante gostaria de expressar minha extrema gratidão à minha Orientadora, Professora Dijan Leal de Sousa, por ser essa professora tão humana e maravilhosa, por sempre ter acreditado em mim e no meu potencial muitas vezes até mais do que eu mesma, a sua orientação foi de suma importância para conduzir o meu caminho de chegada até aqui

RESUMO

A presente pesquisa aborda a compreensão de professoras alfabetizadoras sobre a importância da leitura no processo de alfabetização e letramento. Como objetivo geral buscamos analisar a compreensão das professoras sobre a importância da leitura para o processo de alfabetização dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental. Para alcançar esse objetivo selecionamos como principais referenciais teóricos os seguintes autores: Magda Soares, Marlene Carvalho, Maria Do Rosario Longo Mortatti e Eloisa Meireles. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa uma vez que buscamos analisar as percepções, ou seja, a subjetividade das participantes da pesquisa. Como instrumento de coleta de dados utilizou-se a entrevista semiestruturada tendo como sujeito duas professoras alfabetizadoras de 1º ano. Como resultado das análises destacou-se que apesar de o processo de alfabetização já ter a influência de novos referenciais teóricos e estar sempre em constantes mudanças, infelizmente algumas professoras ainda se mantêm cristalizadas com base em aportes teóricos considerados tradicionais que priorizam apenas a decodificação e codificação, e desse modo desconsideram o verdadeiro significado da leitura e a sua importância no processo de alfabetização e do letramento para aprendizagem da língua escrita no aspecto social.

Palavras chave: Alfabetização. Letramento. Leitura

ABSTRACT

This research addresses the understanding of literacy teachers about the importance of reading in the literacy process. As a general objective, we sought to analyze teachers' understanding of the importance of reading for the literacy process of students in the 1st year of Elementary School. To achieve this objective, we selected the following authors as the main theoretical references: Magda Soares, Marlene Carvalho, Maria Do Rosario Longo Mortatti and Eloisa Meireles. The research was developed from a qualitative approach as we sought to analyze the perceptions, that is, the subjectivity of the research participants. As a data collection instrument, a semi-structured interview was used with two 1st year literacy teachers as subjects. As a result of the analysis, it was highlighted that although the literacy process already has the influence of new theoretical references and is always in constant change, unfortunately some teachers still remain crystallized based on theoretical contributions considered traditional that prioritize only decoding and coding, and thus disregard the true meaning of reading and its importance in the process of literacy and literacy for learning the written language in the social aspect.

Keywords: literacy, literation, reading

1. INTRODUÇÃO	9
2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	11
2.1. Breve Contexto Histórico	11
2.2 Letramento.....	14
2.3. Alfabetizar Com Textos: Alfabetizar Letrando	17
3 MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO	19
3.1 A Metodização Do Ensino Da Leitura	19
3.2 Métodos Sintéticos	21
3.2.1 Método Da Soletração.....	21
3.2.2 Método Da Silabação	22
3.2.3 Método Fônico.....	23
3.3 Métodos Analíticos	24
3.3.1 Método Dos Contos.....	25
3.3.2 Método Ideovisual De Decroly.....	25
3.3.3 Método Natural Freinet.....	26
3.3.4 Método De Palavração – Método Paulo Freire.....	26
3.4 Métodos Mistos	27
4 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	29
4.1 A Importância Da Leitura Nos Anos Iniciais Do Ensino Fundamental	31
4.2 Gêneros Textuais	33
5 A CONCEPÇÃO DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS SOBRE O ATO DE LER	37
5.1 Percurso Metodológico.....	37
5.2 Abordagem De Pesquisa	37
5.3 Entrevista Estruturada.....	38
5.4 Realização Da Entrevista	39
5.5 Analisando A Compreensão Das Professoras Alfabetizadoras Sobre A Importância Da Leitura No Processo De Alfabetização	40
5.5.1 Alfabetização E Letramento	40
5.5.2 Métodos De Alfabetização.....	43
5.5.4 Gêneros Textuais	46

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS.....	51

1. INTRODUÇÃO

É considerável que a criança desde muito cedo tenha contato com a leitura através de livros, panfletos, revistas, rótulos de alimentos, entre outros, mesmo que ainda não dominem convencionalmente o código escrito. Entretanto, essa inserção da criança no mundo da leitura só passa a acontecer de fato, de forma sistematizada e planejada, no âmbito escolar com a mediação do professor que, por sua vez, tem o papel essencial de despertar nos alunos o gosto pelo hábito de ler.

Nessa perspectiva, é válido ressaltar que a leitura, a partir de então, se torna uma das principais habilidades a ser desenvolvida pelos alunos no contexto da escola, se tornando a base do processo de desenvolvimento da alfabetização e do letramento na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental.

Partindo dessa perspectiva, a presente pesquisa busca analisar a compreensão das professoras sobre a importância da leitura durante o desenvolvimento do processo de alfabetização e letramento das crianças, do 1º ano do ensino fundamental em uma escola municipal de Imperatriz/MA, ressaltando a importância de se repensar no processo de alfabetização de forma mais atrativa, significativa e estimulante, para o aluno.

O interesse em pesquisar sobre a leitura no processo de alfabetização se deu por diversos motivos, pessoais e profissionais, no entanto, o principal foi a minha experiência como estagiária/auxiliar de biblioteca de uma escola privada no município de Imperatriz. Por meio dessa experiência, pude vivenciar a prática de realizar contações de histórias e atividades com leituras diariamente com crianças da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa experiência foi muito significativa no momento da escolha do tema da minha monografia, pelo fato de considerar a relevância da leitura em todas as fases do processo educativo, em especial nos anos iniciais.

Desse modo, essa pesquisa parte da seguinte questão problema: Como as professoras alfabetizadoras compreendem a importância da leitura para o processo de alfabetização? E nessa perspectiva temos como objetivo geral analisar a compreensão das professoras sobre a importância da leitura para o processo de alfabetização dos alunos. Como objetivos específicos delimitamos os seguintes a) caracterizar os processos de alfabetização e letramento a partir das suas especificidades; b) apresentar os principais métodos de alfabetização relacionando os

mesmos com a leitura ou o ato de ler; c) analisar a percepção das professoras sobre o desenvolvimento de atividades de leitura no processo de alfabetização.

Para atender aos objetivos propostos, utilizou-se como abordagem a pesquisa qualitativa, e como instrumento de coleta de dados a entrevista estruturada. A abordagem qualitativa nos possibilitou aproximação com o objeto e sujeitos da pesquisa em seu contexto real, nos possibilitando, por meio da entrevista a oportunidade de interagir de forma mais aberta, e também a utilização do diálogo que permeou os questionamentos durante a realização da entrevista, e consequentemente, esse diálogo oportunizou uma maior riqueza em informações coletadas durante as entrevistas.

O texto está organizado em cinco capítulos, sendo o primeiro a Introdução, que explana o tema a ser abordado, os objetivos e o caminho metodológico utilizado para a operacionalização e desenvolvimento da pesquisa. O segundo capítulo intitulado Alfabetização e Letramento, buscamos abordar o contexto histórico e os conceitos da alfabetização e do letramento. O terceiro capítulo sobre os métodos de alfabetização, apresenta-se os principais Métodos utilizados para o ensino da leitura e da escrita, onde buscamos explicar sobre os fundamentos de cada método, ressaltando os princípios e pressupostos metodológicos de cada um dos métodos apresentados. O quarto capítulo aborda a importância da leitura no processo de alfabetização, onde buscamos abordar a relevância das atividades de leitura, ressaltando a necessidade da utilização da diversidade de gêneros textuais durante esse processo. O quinto capítulo aborda a análise sobre a concepção das professoras alfabetizadoras sobre o ato de ler, para o processo de alfabetização.

2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

O desenvolvimento da escrita, assim como toda tecnologia que está presente no nosso dia a dia na contemporaneidade, se deu a partir da evolução das cidades e do consequente aumento da população, que passou a exigir a necessidade de guardar informações importantes como as relacionadas às finanças, leis de modo geral, notícias entre outras, não se utilizando apenas da memória. Desse modo, “A escrita surgiu, pois, como uma tecnologia que, como toda e qualquer tecnologia, veio responder às práticas sociais, econômicas e culturais.” (SOARES, 2020, p. 24)

2.1. Breve contexto histórico

A necessidade de utilizar o sistema de escrita, de modo mais complexo nas sociedades, demandou a necessidade de que o processo de ensinar a habilidade também fosse ampliado, alcançando um número maior de pessoas, uma vez que o desenvolvimento das sociedades passou a estar, cada vez mais, diretamente relacionado com o domínio das habilidades de leitura e escrita, processo denominado de alfabetização.

A palavra alfabetização está ligada ao ato de alfabetizar, nesse sentido é concebida como: (i) processo de aprendizagem, (ii) ato de ensinar, e (iii) o processo pelo qual um indivíduo adquire as habilidades de leitura e escrita. Em relação ao processo, que será tratado com maior ênfase nesta pesquisa, isso inclui a assimilação e a compreensão dos símbolos do alfabeto, que possibilitam a decodificação e codificação e o desenvolvimento da capacidade de interpretar e produzir textos escritos. Nessa perspectiva:

Alfabetização – processo de aquisição da “tecnologia da escrita”, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos habilidades - necessárias para a prática de leitura e da escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é, o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico) (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2007, p. 15).

Um sujeito alfabetizado é aquele que domina as habilidades de leitura e escrita, sendo apto a compreender e produzir textos escritos. Por outro lado, a palavra "analfabeto" descreve aqueles que não possuem as habilidades de leitura e escrita. Esse termo denota no aspecto linguístico a ausência de alfabetização e, no aspecto social, a incapacidade de participar de forma plena e ativa na sociedade em termos

de comunicação escrita. Portanto, enquanto a alfabetização representa um processo de desenvolvimento de habilidade e inclusão, o analfabetismo indica uma barreira significativa que impede a plena participação na vida social, econômica e cultural.

O analfabetismo era um fator predominante na maior parte da população brasileira até o final da Segunda Guerra Mundial, em especial a que habitava nas áreas rurais, afastadas das grandes cidades. Essa condição de analfabetismo não apenas limitava o acesso à linguagem escrita, mas também tinha implicações diretas nos direitos cívicos, como o direito ao voto.

O requisito de ser minimamente alfabetizado para adquirir o título de eleitor gerava uma grande barreira para muitos cidadãos, especialmente para aqueles que residiam em regiões distantes, onde o acesso à educação era limitado devido a inexistência de escolas nessas localidades. Esse cenário resultou na exclusão de muitos cidadãos do exercício de um direito fundamental em uma sociedade democrática, o direito ao voto.

Entretanto, como nesse contexto histórico as expectativas e exigências com relação aos níveis de alfabetização eram bem baixos, ser minimamente alfabetizado era um pré-requisito suficiente para tirar o título de eleitor, desse modo o cidadão que tinha capacidade de assinar seu próprio nome poderia ser considerado alfabetizado e assim estaria habilitado a tirar o seu título de eleitor.

O fato de o analfabetismo ser um impedimento para o exercício da cidadania, através do voto, demonstra a relevância e indispensabilidade do acesso à educação como um meio não apenas de desenvolvimento pessoal, mas também de participação ativa na vida política do país.

Após os anos 50, o Brasil sofreu uma transformação significativa com o aumento da urbanização e do desenvolvimento industrial. O desenvolvimento desses dois fenômenos não apenas contribuiu para o surgimento de uma nova dinâmica socioeconômica do país, mas também foi de grande importância para desencadear mudanças expressivas no campo educacional.

Através desse grande progresso de urbanização, as indústrias começaram a se expandir e conseqüentemente a necessidade por mão de obra qualificada demandou o aumento do número de crianças frequentando as escolas com o objetivo de serem iniciadas no aprendizado da leitura e da escrita. A exigência do setor produtivo contribuiu, assim, para a ampliação de vagas e do acesso à educação. À

medida que as cidades se expandiram, as infraestruturas educacionais, em termos quantitativos, acompanhavam esse processo, proporcionando maior número de escolas e oportunidades educacionais para as comunidades urbanas.

Paralelamente a essas mudanças, o governo federal lançou campanhas de alfabetização direcionadas a jovens e adultos. Essas campanhas tinham o intuito de proporcionar o ensino da decodificação de palavras e frases curtas, visando preencher de forma simplificada lacunas educacionais existentes na população que não havia tido nenhum acesso à educação formal em fases anteriores da vida.

No período de 1946 a 1960, (...), deram início às primeiras iniciativas oficiais para ampliar as oportunidades de Educação para o Adulto. Dentre as iniciativas estavam: a criação e a regulamentação do Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP), a primeira campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), Campanha de Educação Rural (CNER) e Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA). Essas iniciativas permitiram que a educação de adultos fosse vista como uma questão nacional (PAIVA, 1987).

Entretanto, apesar dessas iniciativas, os desafios de ensinar a todos que frequentavam a escola as habilidades de leitura e escrita persistiram, resultando em altos índices de analfabetismo. Dentre alguns fatores que justificam a persistência do analfabetismo no Brasil, podemos citar, os sistemas escolares deficientes, o contexto de desigualdade social e perda de especificidade do processo de alfabetização que ocorreu no âmbito escolar brasileiro, que segundo Soares (2003) é uma das maiores justificativas para o fracasso na aprendizagem do país no final da década de 1980 e da década de 1990.

A década de 1980 foi marcada pela chegada do letramento ao Brasil, o que ocasionou um momento de embate, e equívocos, entre o processo de alfabetização e o recém-chegado processo de letramento. Nesse contexto, os profissionais da educação passaram a se questionar sobre a verdadeira importância e o real conceito da alfabetização, criando assim uma situação em que, na percepção de alguns educadores, era preciso escolher entre um dos processos qual o mais relevante. Desse modo os processos foram hierarquizados, o que provocou uma dissociação entre os processos, e a alfabetização passou a ser considerada menos relevante.

Essa perda de identidade do processo de alfabetização, ocorreu segundo SOARES (2003) devido ao apagamento da especificidade do processo de alfabetização, no qual se tinham metas e objetivos a serem desenvolvidos e

alcançados no decorrer processo de aprendizado da leitura e da escrita, gerando assim um descompromisso para com o desenvolvimento gradual com as habilidades que devem ser trabalhadas e desenvolvidas durante esse processo: decodificação e codificação.

De acordo com Soares (2003), apesar de no Brasil os conceitos de alfabetização e letramento fossem tratados como sinônimos por serem processos interligados, cada um tem sua individualidade, sendo a especificidade do letramento ir além da decodificação e codificação das palavras, possibilitando assim a compreensão dos diferentes usos sociais da leitura e da escrita.

Nessa perspectiva, um indivíduo alfabetizado é aquele que reconhece e consegue grafar os sons das letras, tendo assim a capacidade de ler e escrever palavras e textos simples. Já o indivíduo letrado é aquele que já se apropriou de forma plena da escrita e da leitura, adquirindo assim a capacidade para usá-la no seu cotidiano, da sua vida pessoal e social.

2.2 Letramento

O letramento surgiu em um mesmo momento histórico em diversas sociedades totalmente distintas geograficamente, economicamente e culturalmente. Esse surgimento ocorreu por volta de 1980 simultaneamente no Brasil, na França e em Portugal, ganhando assim destaque na mesma época, e refletindo dessa forma, uma preocupação com a alfabetização e o desenvolvimento da habilidade de leitura e escrita em um contexto de mudanças sociais e educacionais.

Essa convergência pode ser atribuída a uma série de fatores, incluindo avanços na compreensão das teorias de aprendizagem, mudanças nos sistemas educacionais e a crescente necessidade e relevância da comunicação escrita na sociedade contemporânea. Na Inglaterra e nos Estados Unidos, embora esse debate já existisse desde o século XIX, foi a partir desta data também que o assunto passou a ganhar destaque nas discussões do âmbito pedagógico e linguístico.

Embora o surgimento do letramento tenha acontecido em um mesmo momento histórico, podemos identificar algumas questões específicas em relação aos contextos dos diferentes países, como por exemplo no Brasil e em países desenvolvidos como Estados Unidos e Inglaterra.

Nos países desenvolvidos o letramento ganhou relevância na medida em que, embora a população em sua totalidade já fosse considerada alfabetizada, não dominava as habilidades de leitura e escrita de forma que tivessem capacidade de usá-la no meio social, pessoal e profissional.

Em países em desenvolvimento, como o Brasil, o surgimento do interesse pelo letramento foi impulsionado por uma série de fatores, incluindo a necessidade de enfrentar altas taxas de analfabetismo, melhorar a qualidade da educação básica e promover a inclusão social e econômica por meio da alfabetização e do aumento da escolaridade. Desse modo, o letramento teve a sua origem no momento em que alfabetizar todos ainda se configurava como um desafio a ser vencido. Por esse motivo, a chegada do letramento fez surgir alguns questionamentos sobre o real conceito de alfabetização. Dessa forma, no Brasil, o conceito de letramento desde o seu surgimento sempre esteve ligado ao conceito de alfabetização.

Letramento se refere à apropriação, pelo indivíduo, dos usos sociais da leitura e da escrita. Desse modo o letramento vai além da simples codificação e decodificação de palavras, pois envolve a compreensão e a aplicação ativa da linguagem escrita em situações do cotidiano dos indivíduos. Isso inclui a capacidade de interpretar textos, seguir instruções, comunicar ideias de maneira eficaz e participar plenamente da vida social, cívica e econômica da sociedade. Anteriormente a preocupação, no que se refere ao aprendizado da leitura e da escrita, era voltada apenas para o analfabetismo da população, em que a exigência era que o indivíduo lesse e escrevesse, ou seja, que fosse alfabetizado.

A partir da década de 1980 o letramento passou ser um tema a ser discutido, quando pesquisadores do tema alfabetização passaram a ter um novo olhar para a realidade que a população estava vivenciando, em que não era mais suficiente e satisfatório apenas saber ler e escrever, mas sim ter habilidades de fazer uso da leitura e da escrita, no contexto social, cultural e no campo de trabalho.

A concepção de letramento começou a ganhar adeptos, na medida em que o problema do grande número de analfabetismo começou a ser superado quando os índices tiveram uma discreta melhora, e uma parte da população passou a dominar as habilidades de leitura e escrita, tornando assim uma sociedade mais grafocêntrica. A partir desse período a população brasileira passou a perceber que apenas aprender

a ler e escrever não eram suficientes, se o aluno não tivesse capacidade de fazer uso dessas habilidades nas suas práticas sociais do dia a dia, na sociedade e no trabalho.

Contudo é importante ressaltar que o sujeito que não domina a habilidade de leitura e escrita, mas ainda assim está envolvido em práticas de leitura e escrita em seu dia a dia e tem interesse, por exemplo, em ouvir essas leituras, sejam elas notícias de jornais, panfletos entre outros, e tem a capacidade de ditar cartas e recados para que um outro sujeito alfabetizado possa escrever, podem ser considerados letrados, uma vez que estão imersos em práticas sociais de uso da escrita. Segundo Kleiman (1995):

Uma criança que compreende quando o adulto lhe diz "Olha o que a fada madrinha trouxe hoje!" está fazendo uma relação com um texto escrito, o conto de fadas. Assim, ela está participando de um evento de letramento (porque já participou de outros, como ode ouvir uma historinha antes de dormir); também está aprendendo uma prática discursiva letrada, e, portanto, essa criança pode ser considerada letrada, mesmo que ainda não saiba ler e escrever.

Esses sujeitos estão inseridos em um contexto no qual a habilidade de leitura e a escrita desempenham papéis cruciais em suas rotinas, ainda que não possuam as habilidades técnicas, de decodificação e codificação, para realizá-las por si mesmos de forma autônoma. Assim, a definição de letramento pode ser expandida para abranger não apenas para aqueles que já possuem a capacidade de ler e escrever, mas também para os indivíduos que mesmo não possuindo tais habilidades, são capazes de compreender, interpretar e interagir com a linguagem escrita de maneira significativa dentro de contextos sociais específicos.

A palavra "letramento" não está ainda dicionarizada. Pela complexidade e variação dos tipos de estudos que se enquadram nesse domínio, podemos perceber a complexidade do conceito. Assim, se um trabalho sobre letramento examina a capacidade de refletir sua própria linguagem de sujeitos alfabetizados versus sujeitos analfabetos [...] segue-se que para esse pesquisador ser letrado significa ter desenvolvido e usar a capacidade metalinguística em relação à própria linguagem [...] (KLEIMAN, 2005, p. 17).

Nesse sentido, um indivíduo que, mesmo não sendo considerado alfabetizado, mas que participa ativamente de práticas de leitura e escrita em sua comunidade, pode ser considerado um sujeito letrado.

Uma vez que o sujeito faz uso da escrita e da leitura, mesmo que não seja de forma direta, mas que se envolve com essas práticas sociais de forma constante na

sua rotina ele pode ser considerado letrado, assim como uma criança que ainda não se apropriou dos códigos de leitura e escrita, mas que já tem acesso a livros, folheia as páginas, escuta histórias já está participando de práticas de letramento. Esse processo de imersão em práticas sociais de leitura possibilita uma mudança social e cultural, pois:

Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é mais a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural, não se trata propriamente de usar de nível ou de classe social cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura, sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais. Torna-se diferente (SOARES, 2002, p. 37).

O letramento tem várias dimensões como afirma Soares (1998), entretanto, a sua maior e principal dimensão é a social, na medida em que ele não é um fenômeno apenas individual, mas, acima de tudo é uma prática social de grande relevância em todos os segmentos sejam eles pessoais, profissionais ou sociais.

2.3. Alfabetizar com textos: alfabetizar letrando

Tendo como premissa a necessidade, e também as exigências, de saber utilizar a leitura e a escrita em contextos sociais reais, compreendemos que uma boa proposta pedagógica de alfabetização precisa ter como base uma metodologia que privilegie atividades de alfabetização e também de letramento de modo simultâneo, ou seja, precisa ter como base a proposta de “alfabetizar letrando”. Dessa forma é importante que uma proposta de ensino de leitura e de escrita tenha como ponto de partida textos reais que estejam diretamente ligados às práticas sociais em que são utilizados. Desse modo o ensino da língua teria como base uma relação insolúvel entre alfabetização, letramento e práticas sociais:

Assim, teríamos de alfabetizar e letrar como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado. (SOARES, 2012, p. 47)

De acordo com Soares na publicação Alfabetização e Letramento 1: Caderno do Educador, 2010, a leitura e a escrita dependem de dois fatores distintos, mas indissociáveis, que necessitam ser trabalhados e desenvolvidos juntos, que são:

alfabetização e letramento. Uma vez que, são processos que se interrelacionam e se complementam, como afirma Soares, 2004, p.97:

(...)embora distintos, alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita.

A escola por sua vez, apesar de não ser o único espaço alfabetizador, é o espaço em que, comumente, o processo de ensino da leitura e da escrita, e também do letramento, ocorre de forma sistemática. Assim a escola, deve oportunizar situações didáticas para que os alunos possam desenvolver um conjunto de habilidades e comportamentos em relação à leitura e escrita, para que possam assim fazer uso dessas habilidades de forma efetiva.

Uma boa proposta para que os alunos alcancem essas habilidades é a de alfabetizar letrando. Através dessa proposta se oportuniza aos alunos o desenvolvimento da capacidade de ler, escrever e de produzir textos em situações reais, indo além da codificação e decodificação, prática mais conhecida e presente em grande parte dos livros didáticos.

É preciso que o professor desenvolva atividades de leitura e de escrita a partir de contextos reais em que essas habilidades são utilizadas no cotidiano dos alunos, como a escrita de uma carta, leitura de uma notícia de jornal, escrita de um poema, escrita de anúncio ou convite. Essas atividades possibilitam uma aprendizagem mais conectada com as demandas reais e sociais, e formando deste modo, não apenas sujeitos que aprendem a ler e escrever, mas que são capazes de fazer uso dessas habilidades socialmente e em diferentes contextos de forma plena.

3 MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

No decurso da história do Brasil, que compreende o período do Império até o final do mesmo, o sistema educacional era marcado pela falta de recursos e, conseqüentemente, de uma organização precária do sistema de ensino. Era um período no qual existiam poucas escolas, e as que existiam eram compostas por salas improvisadas e multisseriadas, como afirma Mortatti (2019). Por consequência o ensino acabava ficando muito à mercê do professor e do aluno, acontecendo assim em salas de aulas inadequadas e com poucos materiais didáticos disponíveis.

3.1 A Metodização do Ensino da Leitura

Na segunda metade do século XIX, começaram a surgir os primeiros livros impressos que eram produzidos na Europa, mas geralmente o ensino da leitura e da escrita era realizado com cartas de ABC, onde a metodologia desenvolvida era constituída de duas etapas: primeiramente era realizada a leitura e logo após se realizava a cópia manuscrita do que havia sido lido.

Durante essa época os métodos utilizados eram os denominados métodos sintéticos. A partir desses métodos, o ensino da leitura e da escrita deve ser iniciado da parte para o todo, ensinando-se primeiro as letras, as sílabas, palavras e por último, pequenos textos. Esse método permaneceu como único caminho para ensino da leitura e da escrita até meados de 1880, quando chegou ao Brasil o método João de Deus, que diferente do anterior consistia em dar início ao processo de alfabetização do todo para a parte, onde primeiramente se deveria iniciar pela leitura de um pequeno texto ou palavra, compreendendo-a assim como uma unidade significativa e logo após, trabalhá-la através das suas unidades, como os valores fonéticos das letras e suas respectivas grafias.

Com a chegada do método da cartilha João de Deus, iniciou-se um momento de embate entre os diferentes métodos. Nesse período professores passaram a discutir qual seria o melhor método de alfabetização, uma vez que uns defendiam o método João de Deus como sendo o melhor, e outros que continuavam a apoiar e utilizar os métodos sintéticos, denominados tradicionais.

A partir dessa discussão sobre qual seria o método mais adequado e eficaz, a história da alfabetização foi marcada pela relevância que se dava ao método, e a questão sobre qual método escolher se tornou um tema central no desenvolvimento

desse processo, dando ênfase assim não apenas ao que ensinar, mas, principalmente, como ensinar.

Diante de tantos desafios Carvalho (2005), traz algumas indagações como, como alfabetizar? Como selecionar, organizar e transmitir os conteúdos. Uma vez que, na realidade, nem sempre os métodos e teorias ensinadas nos cursos normais e na faculdade são suficientes para responder esses questionamentos.

Dessa forma, diante do desejo e da necessidade de resolver essas questões, o senso comum pode acabar prevalecendo de forma significativa, fazendo com que grande parte dos professores passem a não validar tanto as teorias de diferentes estudiosos da área e acabam se apoiando apenas na experiência.

Ao longo de muitas décadas, discutiu-se e refletiu-se qual método seria mais eficaz no processo de alfabetização. No decorrer desses anos foram desenvolvidos e testados diferentes métodos, desde os tradicionais até abordagens inovadoras. A dicotomia entre métodos sintéticos e analíticos deu origem a propostas ecléticas, em que se faz uma fusão entre os métodos sintéticos e analíticos, integrando assim aspectos de ambas as abordagens, proporcionando uma compreensão inicial do texto ao mesmo tempo que destaca a relação sistemática entre letras e sons.

São os chamados métodos analítico-sintéticos, que tentam combinar aspectos de ambas as abordagens teóricas, ou seja, enfatizar a compreensão do texto desde a alfabetização inicial, como é próprio dos métodos analíticos ou globais, e paralelamente identificar os fonemas e explicitar sistematicamente as relações entre letras e sons, como ocorre nos métodos fônicos (CARVALHO, 2005. P.18)

No decorrer dos anos, foram desenvolvidas centenas de reformulações dos métodos sintéticos e analíticos, testados em diferentes contextos, com diferentes alunos e com diferentes resultados, na busca incessante por estratégias eficazes e adaptáveis às necessidades de aprendizagem. Não podemos dizer que existem métodos bons ou ruins, mas podemos afirmar que os métodos não têm os mesmos resultados esperados para todos no seu processo de alfabetização, uma vez que cada criança tem suas particularidades.

À vista disso, Carvalho (2005) pontua algumas questões a serem analisadas no momento da escolha do melhor método para um determinado grupo de alunos, que são elas: identificar a concepção de leitura e de leitor presente no método, observar se a alfabetização e o letramento estão combinados para serem desenvolvidos juntos, analisar a validação e a coerência do método e ver se o mesmo faz sentido, e por fim

buscar resultados significativos e comprovados com um grande número de alunos, e por diferentes tipos de professores e estudiosos.

No seu livro alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática Marlene Carvalho (2005) aborda alguns dos principais métodos sintéticos e analíticos desenvolvidos e utilizados para o ensino da leitura e da escrita.

3.2 Métodos sintéticos

Os métodos sintéticos de alfabetização têm como principal objetivo ensinar os alunos a desenvolverem a leitura e a escrita por meio da compreensão inicialmente das letras do alfabeto, consideradas a menor unidade do sistema linguístico. Esses métodos têm como prioridade o ensino da correspondência entre os sons das letras e a sua representação gráfica, buscando assim que os alunos compreendam como as letras se combinam para formar palavras. Dentro dos métodos sintéticos, dois exemplos notáveis que tiveram bastante destaque são o método de soletração, o método de silabação e o método fônico.

3.2.1 Método da soletração

O primeiro a ser abordado, o método de soletração, utiliza como material didático a carta do ABC, que traz a proposta de trabalhar com palavras soltas e descontextualizadas, ou seja, com pouco ou nenhum significado para o aluno. Esse método foi amplamente utilizado em um contexto histórico no qual grande parte da população ainda era analfabeta. O período em que essa proposta era utilizada foi marcado por um contexto que reflete as baixas condições educacionais da época, caracterizadas por limitações de acesso à educação com baixas expectativas no que diz respeito à leitura e escrita.

Contudo apesar de o método da soletração apresentar limitações em relação ao desenvolvimento de habilidades leitoras, pois resume-se ao desenvolvimento exclusivo das habilidades de decodificação e codificação, ainda continua em uso no século XXI, pois as cartas de ABC ainda são encontradas em papelarias no interior do Brasil. Esse material didático apresenta basicamente o alfabeto, primeiramente em letras maiúsculas e minúsculas, em caixa alta e cursiva. Na sequência apresenta as sílabas simples formadas por uma consoante e uma vogal como (ba, na, da) e logo

após são apresentadas as sílabas mais complexas com consoante-consoante-vogal (pra - lha - nho), e ao final das páginas do livreto há palavras formadas por duas sílabas (casa - dado - vaca) e também com três letras (menino - sapato - cavalo).

O método da soletração enfatiza a identificação individual das letras e seus sons, onde o aluno precisa estabelecer a relação grafema fonema. Geralmente, inicia-se apresentando o alfabeto em letras maiúsculas e minúsculas, em caixa alta e cursiva. Posteriormente, são introduzidas sílabas comuns e, ao final, palavras de três letras, dissílabas e palavras em ordem alfabética.

O principal intuito do método da soletração é ensinar o aluno a identificar as letras e os seus respectivos sons, o que nem sempre faz sentido para o aluno que está na fase de aprendizado, pois estão vendo palavras totalmente fora de contexto, o que acaba por gerar uma frustração muito comum nos alunos, que é conhecer as letras, mas não saber juntá-las. Outro aspecto a considerar na utilização desse método é que a leitura de textos é colocada em segundo plano, pois os textos somente são apresentados quando a criança já domina a decodificação de sílabas, palavras e frases, e em geral são pequenos textos, três ou quatro linhas, que não trazem muito significado.

3.2.2 Método da Silabação

O segundo método sintético abordado é o método de silabação. Esse método, apesar de, assim como o método da soletração, apresentar limitações em relação a compreensão do sistema linguístico em um contexto real, também ainda é utilizado em algumas escolas tanto nas regiões rurais como urbanas. Do mesmo modo que o método da soletração, a silabação traz poucas possibilidades aos alunos em relação ao desenvolvimento da leitura e da escrita, uma vez que, assim como afirma Carvalho (2005), o método de silabação tem basicamente os mesmos defeitos da soletração, ambos fazem uso excessivo da memorização de sílabas e palavras descontextualizadas, proposta que impossibilita uma compreensão das atividades de leitura e escrita desenvolvidas. Nessa perspectiva de alfabetização descontextualizada, percebemos uma separação entre os processos de alfabetização do letramento.

No método da soletração o material didático utilizado é a cartilha que muito se assemelha com a carta do ABC. Primeiramente a cartilha apresenta as sílabas em ordem alfabética, embaralhadas, na sequência as palavras compostas por três letras e por fim vocábulos compostos pelas sílabas estudadas, sem sentido e sem seguir regras gramaticais, como, não utilizar letras maiúsculas e nem fazer uso das pontuações. A metodologia de ensino é pautada exclusivamente na repetição e memorização das sílabas como meio de alcançar o processo de aprendizagem.

3.2.3 Método Fônico

No método fônico, a ênfase é direcionada para a dimensão sonora, inicialmente das letras e depois das palavras, relacionando as letras aos sons que a constituem. Uma regra básica do método fônico é não dizer o nome da letra, mas apenas o som que a mesma produz. Essa ênfase na correspondência letra-som visa fornecer aos alunos as habilidades necessárias para decifrar palavras desconhecidas, promovendo a autonomia na leitura, permitindo assim que os alunos reconheçam e utilizem os sons das letras em outras palavras.

O método fônico, ao focar o ensino explícito das correspondências entre grafemas e fonemas, favorece o desenvolvimento das habilidades metafonológicas de segmentação e identidade fonêmica, contribuindo assim, decisivamente para a compreensão do princípio alfabético (JUSTINO E BARRERA, 2012, p. 401).

O ensino da leitura e da escrita a partir do método fônico é conduzido de maneira sistemática, dando início primeiramente com os fonemas mais simples e progressivamente vai avançando para fonemas mais complexos. Assim, proporcionando uma base mais estruturada para o desenvolvimento das habilidades de leitura. Os métodos fônicos mais conhecidos são: método da abelhinha e casinha feliz.

Método da Abelhinha

De acordo com Carvalho (2005) esse método foi desenvolvido por três professoras de vasto conhecimento no campo do ensino e da pesquisa que são, Alzira

S. Brasil da Silva, Lúcia Marques Pinheiro e Risoleta Ferreira Cardoso. Esse método foi utilizado na Escola Guatemala, localizada no Rio de Janeiro no ano de 1965, sendo amplamente utilizado na década de 70, uma vez que entregava muitos resultados satisfatórios nesse período.

O método abelhinha tem sua abordagem centrada na associação entre letras, sons e personagens que apareciam nos livros utilizados para alfabetizar. Uma das principais características desse método é utilizar histórias das quais os personagens devem estar associados ao desenho das letras e aos sons específicos que estão sendo trabalhados.

A Casinha Feliz

Desenvolvido por Meireles (1984) na década de 50, que teve bastante uso em escolas públicas e privadas em várias localidades do país. A autora do Método acreditava muito no poder da ludicidade no processo de alfabetização. Dessa forma o seu método se apoiava no uso de jogos, teatro de fantoches e histórias.

(...) as crianças adoravam as histórias e as letras/personagens, e esqueciam frases e palavras se ficavam alguns dias sem vê-las. Passou a contar as histórias em função de apresentar as letras. Foi uma ousadia para a época (MEIRELES, ELOÍSA, 2000, p. 28).

Segundo Meireles (1984) a história “a casinha feliz” poderia ser modificada de acordo com a aula que seria realizada, pois o intuito da história era facilitar a aprendizagem das letras, transformando assim os personagens da história em letras como “papai” para a letra “p”, “mamãe” para a letra “m”, entre outros.

3.3 Métodos Analíticos

Os métodos analíticos ou globais, como também são conhecidos, chegaram ao Brasil em 1920, junto com o movimento da Escola Nova, tendo como fundamento os princípios defendidos pela psicologia da Gestalt, que compreende que a criança tem uma visão globalizada da realidade, e dessa forma tende a perceber o todo e só após se atenta aos detalhes. A partir dessa compreensão o processo de aprendizado da leitura e da escrita deve partir não das unidades linguísticas menores, letras, sílabas, mas sim a partir de textos significativos como, frases e histórias ligadas ao contexto

da criança, e após essa contextualização se trabalhar as unidades que formam esse todo, as palavras, as sílabas e as letras. Na sequência apresenta-se uma breve explanação sobre os principais métodos analíticos ou globais.

3.3.1 Método dos Contos

O método de contos foi um dos primeiros métodos globais a ser utilizado, tendo as primeiras práticas desenvolvidas no final do século XIX nos Estados Unidos. Este método utiliza histórias curtas adaptadas à realidade dos alunos como ponto de partida para o aprendizado da leitura e da escrita. Os alunos são imersos no mundo da alfabetização por meio de narrativas, e o professor utiliza essas histórias para destacar palavras-chave, promovendo a associação entre a linguagem contextual e a decodificação de palavras.

3.3.2 Método Ideovisual de Decroly

Esse método foi desenvolvido pelo médico, psicólogo e educador Ovide Decroly (1871-1932), no início do século XX, que tinha uma filosofia centrada na criança e em seu desenvolvimento holístico. Decroly defendia o respeito à singularidade de cada aluno, seus interesses e ritmos de aprendizagem distintos.

Uma das principais particularidades do seu método era o ensino através de campos de interesse, pois ele acreditava que o aluno tem capacidade de aprender melhor quando os conceitos lhe são apresentados de forma contextualizada em torno dos seus interesses, tornando assim a aprendizagem mais significativa e profunda para o aluno.

As principais experiências pedagógicas de Decroly foram com crianças com deficiência auditiva, de visão, entre outras. Entretanto, segundo Carvalho (2005) o método audiovisual foi ajustado por professores para ser trabalhado também em escolas regulares com crianças sem necessidades especiais.

3.3.3 Método Natural Freinet

Célestin Freinet (1896-1966), foi um educador francês que defendia a liberdade de expressão, pois acreditava que a criança se desenvolve melhor quando é estimulada a expressar suas ideias e explorar o meio onde vive através da experimentação.

Pelo método natural, a criança consegue ler, sem lição especial, e sem b-a-ba, pela vida, pelo meio escolar, e social, servida e refletida pela imprensa, pela correspondência, pelo desenho, e pela expressão sob todas as suas formas. Suprimimos assim as fastidiosas sessões de repetição que os educadores usam tanto com os alunos; dominamos o sentimento de impotência da criança que aprende muito cedo a traduzir em textos impressos o seu próprio pensamento (FREINET, 1977 APUD CARVALHO, 2005 pg.37)

De acordo com Freinet (1977) apud Carvalho, o método natural de aprendizagem da leitura e da escrita se desenvolve através do interesse da criança pelo texto, texto esse que deve ser selecionado de acordo com o interesse e experiência da criança, proporcionando assim uma educação mais centrada no aluno.

3.3.4 Método de Palavração – Método Paulo Freire

Paulo Freire, foi um grande educador brasileiro que se destacou no desenvolvimento de uma metodologia de alfabetização de adultos. Propôs o método da palavração como parte de sua abordagem pedagógica, um método no qual se fazia uso de palavras chaves a partir do contexto social econômico e político, principalmente a partir de palavras que faziam parte do vocabulário e do universo dos alunos. Essas palavras eram denominadas temas geradores para que assim pudessem gerar discussões possibilitando o surgimento de novas palavras. Freire compreendia a alfabetização como um instrumento social de conscientização do indivíduo sobre os seus direitos políticos, sociais e econômicos.

Sobre a grande contribuição de Paulo Freire para alfabetização e para o processo educativo de modo geral, Carvalho e Barbosa nos explanam:

[...] Freire é o criador de um método inovador no ensino da alfabetização para adultos. Seu método pedagógico foi levado para diversos países. Segundo registros históricos, no ano de 1963, em Angicos (RN), Paulo Freire chefiou

um Programa de Alfabetização de Adultos, tendo alfabetizado cerca de 300 pessoas adultas (homens e mulheres), durante 40 horas de curso, em apenas 30 dias consecutivos. Tal façanha didático-pedagógica é o feito mais marcante de Freire no campo da Pedagogia, tendo por metodologia a escolha de “palavras geradoras”, comuns no vocabulário local dos trabalhadores adultos de sua época, tais como, por exemplo: cimento, tijolo, vassoura, enxada, terra, plantio, colheita, entre outras. [...] A metodologia de Paulo Freire consiste em uma maneira de educar conectada ao cotidiano social dos estudantes e às experiências de vida e de trabalho que eles têm, e, por isso, também ligada à política; porém em sentido não partidário, mas de escolhas, ações práticas e tomadas de decisões (CARVALHO e BARBOSA, 2012, p. 73).

Como aponta Carvalho e Barbosa (2012) a pedagogia de Paulo Freire foi um grande marco inovador e muito significativo para a educação brasileira, pois ia muito além do ensino de habilidades básicas de leitura e escrita, era uma pedagogia conscientizadora, crítica e transformadora. Através da educação Freire buscava não apenas alfabetizar, mas possibilitar através da alfabetização uma transformação social e libertação de uma classe oprimida por outra opressora.

3.4 Métodos Mistos

A partir de meados da década de 1920, houve uma grande revolução por parte dos educadores, quanto a eficácia da utilização única do método analítico, uma vez que esse método estava gerando certa insatisfação e recebendo muitas críticas por parte de alguns educadores da época. Apesar dos resultados positivos com um número significativo de alunos alfabetizados, alguns educadores da época julgavam que seria necessário aprender primeiro a codificar e decodificar de modo isolado seguindo o método sintético, e que o uso de palavras geradoras ou pequenos textos poderiam dificultar esse aprendizado.

A partir de um contexto de insatisfação em relação aos métodos, sintéticos e analíticos, os professores passaram a conciliar os dois métodos, desenvolvendo assim um novo método denominado de misto ou eclético. Tendo em vista que os dois métodos tinham de certo modo aspectos positivos, os professores começaram a utilizar princípios de ambos os métodos, pois a partir dessa visão acreditavam que poderiam alfabetizar de forma mais rápida e eficiente.

O método misto representa um esforço consciente para integrar o lado positivo de ambos os mundos: a compreensão global das palavras e a habilidade de identificar suas partes constituintes. Este método compreende que a alfabetização não se resume apenas à decodificação de letras e sons, nem meramente a compreensão de

palavras como unidades isoladas. Em vez disso, ela busca proporcionar uma experiência de aprendizado mais eficaz, atendendo às diversas dimensões envolvidas no processo de leitura e escrita.

Através dessa breve análise sobre os métodos sintéticos e analíticos, é possível compreender que a partir da junção de ambos, os professores passam a reconhecer que a alfabetização é um processo complexo que envolve tanto a compreensão global da linguagem quanto a habilidade de decodificação. A flexibilidade dessas duas abordagens permite que os professores adaptem suas estratégias de acordo com as necessidades específicas dos alunos.

A escolha sobre o método alfabetização é algo muito particular, tendo em vista que cada turma e cada aluno possui características únicas, o que implica que não existe uma abordagem única que seja universalmente eficaz, é válido ressaltar também que a cultura educacional adotada pela instituição escolar também influencia bastante nessa escolha.

A alfabetização escolar – entendida como processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita em língua materna, na fase inicial de escolarização de crianças – é um processo complexo e multifacetado que envolve ações especificamente humanas [...]. (MORTATTI, 2010, p. 329).

Nesse contexto, muitos alfabetizadores, optam por uma abordagem eclética na qual, combinam diferentes elementos de diferentes métodos de forma que possam atender as diferentes necessidades variadas de aprendizado, desenvolvendo assim, tanto as habilidades de codificação e decodificação, processo específico da alfabetização, quanto dos usos reais dessas habilidades, que é a especificidade do letramento.

Desse modo ressaltamos que é importante que o aluno aprenda decodificar e codificar, entretanto, reconhecemos que essas habilidades podem ser ensinadas em um contexto social real, um contexto de letramento. Esse caminho de levar os textos para o processo de alfabetização pode possibilitar nos alunos o gosto e o prazer pela leitura.

Essa abordagem eclética escolhida por alguns profissionais da educação, ressalta a flexibilidade e adaptabilidade necessárias no campo da alfabetização. Combinar elementos de diferentes métodos permite uma abordagem mais holística. Essa estratégia é particularmente valiosa, dada a variedade de estilos de aprendizagem e necessidades específicas dos alunos em uma sala de aula.

4 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

A leitura e a escrita são habilidades que fazem parte do cotidiano de todos os indivíduos que vivem em sociedades letradas, ou seja, sociedades que utilizam o código escrito. Desse modo o aprendizado, e uso, dessas habilidades tornam-se necessárias para uma participação efetiva na vida social. Desde situações mais simples, como ler uma mensagem de texto ou um rótulo de produto em um supermercado, até situações mais complexas, como escrever e interpretar um texto.

Na sociedade atual repleta de informações e tecnologias, estamos constantemente envolvidos com a leitura no nosso cotidiano, desse modo compreende-se que a leitura se configura como uma habilidade essencial que nos permite compreender o mundo ao nosso redor. A partir do exposto, o sistema linguístico possibilita aos indivíduos, através de um sistema gráfico, o registro de ideias e conhecimentos que são desenvolvidas por um determinado grupo social.

A diversidade de formas pelas quais a leitura e a escrita se manifestam em nosso dia a dia demonstra sua importância e ubiquidade na sociedade, dessa forma, é de suma importância reconhecer que a leitura vai muito além do reconhecimento da língua, pois o seu conceito transcende apenas a decodificação de palavras e se torna algo essencial para viver e conviver de forma plena na sociedade. Baptista (2010, p. 11) considera que:

Nesse sentido, pode-se dizer que a criança, mesmo sem ser ainda uma leitora e uma produtora de textos por ainda não dominar a tecnologia da escrita, pode ser uma usuária competente desse sistema e dominar capacidades e habilidades próprias de leitores proficientes. Ela pode ser introduzida no mundo da leitura, compartilhando com colegas situações de leituras de histórias, reportagens, piadas, receitas, cartas e emails, feitas por sua professora. Pode ser introduzida no mundo da escrita ditando textos para pessoas que cumprirão a função de escribas. Em ambas as situações, a criança exercita capacidades e habilidades envolvidas na compreensão dos usos e das funções sociais da escrita.

À vista disso, pode-se enfatizar que o ato de ler se inicia com a leitura do mundo no qual se está inserido. Como afirma Freire (1999) a capacidade de compreender o mundo precede a habilidade de ler as palavras, evidenciando a importância das experiências sociais e sociocognitivas de cada sujeito na construção de significados durante o processo de leitura. Assim, podemos compreender que a leitura é uma habilidade complexa que está diretamente ligada às experiências e à interação do sujeito com o mundo ao seu redor.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa caracterizam o processo de leitura como:

Um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita (BRASIL/PCN, 1998, p. 41).

Deste modo, o processo da leitura não se limita apenas ao momento em que estamos efetivamente lendo um texto, mas começa anteriormente ao ato de ler propriamente dito, iniciando pelos conhecimentos prévios e com a interpretação do mundo ao nosso redor, como já mencionado antes. E não finaliza quando fechamos o livro ou encerramos a leitura de um artigo; pelo contrário, maior parte das vezes, é após esse momento que a reflexão e as análises mais acentuadas fluem, à medida que processamos e absorvemos o que foi lido. Assim, a leitura textual é um ato dinâmico, que se estende para além das palavras escritas, envolvendo reflexão, análise crítica e construção de significados pessoais, pois ler também é formular pensamentos. Desse modo o pensamento mantém uma relação estreita com o ato de ler:

Pensamento que se constrói sobre a informação visual impressa, pensamento que é alimentado e dirigido pela escrita. O ato de construir sentido a partir do texto impresso é pôr em exercício o pensamento, interagindo com o texto, interagindo com o autor do texto. O envolvimento emocional do leitor com a experiência da leitura é o mesmo que se pode ter em qualquer tipo de experiência e, da mesma forma, dela extraímos sempre algum aprendizado (MARIA, 2008, p. 24-25)

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que a leitura é uma atividade que requer habilidades linguísticas e extralinguísticas, que são responsáveis por influenciar na interação, conexão e envolvimento do leitor com o texto, com o intuito de desenvolver compreensão e possibilitando assim um processo de reflexão sobre o que foi lido. Isso acontece porque a leitura se constitui como uma prática social, na qual o indivíduo ao se inserir no mundo da leitura se envolve em um constante processo, de produção e compreensão e de sentidos a partir de suas próprias vivências. Desse modo, quanto mais o conteúdo da leitura está contextualizado com o universo social e cultural dos indivíduos, mais facilmente o sujeito se utiliza da leitura para ampliar sua racionalidade e, conseqüentemente, seu conhecimento.

4.1 A importância da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Quanto mais cedo a criança é introduzida ao mundo da leitura, maior é a possibilidade dessa criança se tornar uma futura leitora, uma vez que somente através do acesso aos materiais escritos, em sua maior diversidade possível, as crianças têm a possibilidade de criarem afinidade com esse hábito, assim como despertarem para a riqueza de conhecimento que podem ser oportunizados pelo ato de ler.

O contato com materiais escritos deve ocorrer mesmo quando o aluno ainda não domina a leitura de modo convencional, sendo imprescindível que o professor realize diariamente atividades de leitura. O professor que faz da leitura parte do cotidiano da sala de aula, está plantando uma semente de aprendizagem em relação ao conhecimento, que só tende a crescer ao longo da vida dos seus alunos.

A leitura é a base primordial do processo de alfabetização, sendo essencial que os alunos desenvolvam o prazer pelo ato de ler nessa fase do processo educacional. Geralmente, quando isso não acontece no início da escolarização, torna-se mais difícil que se desenvolva nos anos subsequentes.

Em relação ao contexto social, a apropriação da leitura e da escrita é primordial para o desenvolvimento da cidadania, dado que o sujeito que não adquiriu a habilidade de leitura e escrita no decorrer da sua infância, acaba tendo dificuldade em se comunicar de forma plena com as demais pessoas e de interagir e ser um agente transformador na sociedade em que vive.

No contexto de aprendizagem da leitura e da escrita, os primeiros anos do Ensino Fundamental, são voltados, principalmente, para a apropriação e domínio dessas habilidades. Durante essa fase, os professores devem se dedicar em garantir que os alunos adquiram o conhecimento da escrita alfabética, e tenham a capacidade de fazer uso dessa habilidade com autonomia em uma sociedade letrada. Dessa forma os professores podem garantir o desenvolvimento de conhecimento adequado aos seus alunos, como afirma Soares (2019):

(...)Isso é que dá ao professor condições de criar suas próprias práticas e estratégias, decidir ele mesmo como ensinar aqueles a quem ensina, ou lhe dá condições de selecionar, entre práticas e estratégias sugeridas por livros didáticos e paradidáticos, por colegas, e por tantas outras fontes, aquelas que se fundamentem em conhecimento e compreensão dos processos de aprendizagem daqueles a quem ensina.

O professor que tem o propósito de alfabetizar seus alunos precisa, no decorrer desse processo, articular diferentes estratégias, como realizar atividades com leitura fazendo uso de diferentes materiais escritos, seja usando livros didáticos, livros paradidáticos ou realizando atividades de textos do cotidiano (listas, bula de remédio, rótulos de alimento). O desenvolvimento de boas atividades de leitura e escrita possibilita o processo de mediação entre o professor e seus alunos em relação à apropriação do código escrito.

O acesso ao mundo da leitura também tem capacidade de estimular a imaginação e a criatividade do aluno, uma vez que pode possibilitar o desenvolvimento do seu vocabulário, tornando-o mais rico e diversificado. Também pode refinar a sua comunicação, fazendo com que fique mais objetiva, além de despertar o pensamento crítico. Através da leitura, o aluno tem acesso ao sistema de escrita, mas principalmente, a leitura possibilita aos que dominam essa habilidade uma participação mais efetiva na sociedade letrada.

Nessa perspectiva o professor, como principal mediador desse processo, entre o texto e o aluno, deve fazer com que a leitura esteja presente diariamente no cotidiano da sala de aula, proporcionando assim momentos de apropriação dos diferentes gêneros textuais, bem como possibilitando momentos prazerosos de leitura aos seus alunos. Mostrando aos alunos que os livros podem ser uma fonte inesgotável de prazer, aprendizagem e descobertas. Segundo Kretzmann e Rodrigues (2006, p. 2-3):

A escola, além de contribuir para a aproximação da leitura, pode exercer um papel crucial na formação do não-leitor. O professor, nesse contexto, precisa revolucionar sua prática pedagógica, questionar-se, refletir criticamente sobre seu papel e valor na sociedade, para fazer de seus alunos cidadãos mais críticos e participativos. A escola precisa ser formada por diretores, pedagogos, bibliotecários e professores que tenham uma formação em leitura. Direcionados a uma prática de leitura diferente daquela que há anos vem sendo adotada pela escola, bibliotecários e professores poderão trabalhar em conjunto rumo à formação de alunos que frequentem assiduamente a biblioteca, que encontrem significados em suas leituras e que programem um tempo para ler.

Para que isso seja possível é importante que o professor utilize a leitura como prática diária com os alunos e tenha capacidade de integrar a leitura em todas as áreas de estudo, criando um ambiente de leitura acolhedor e prazeroso no qual os alunos possam ouvir, ler e explorar os textos usando sua criatividade e fazer uso de diferentes gêneros textuais.

A leitura deve ser trabalhada com um propósito comunicativo e didático claro, uma que só a presença dos textos na sala de aula por si só não tem a capacidade de alfabetizar. Nesse viés as escolas por sua vez precisam trabalhar desde cedo a leitura com intenções pedagógicas bem planejadas na perspectiva de alfabetizar e letrar os seus alunos. Nessa perspectiva:

Para Magda Soares, do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (Ceale/UFMG), esse aprendizado chama-se letramento: “É o convívio da criança desde muito pequena com a literatura, o livro, a revista, com as práticas de leitura e de escrita”. Não basta ter acesso aos materiais, as crianças devem ser envolvidas em práticas para aprender a usá-los, roda de leitura, contação de histórias, leitura de livros, sistema de malas de leitura, de casinhas, de cantinhos, mostras literárias, brincadeiras com livros. Edmir afirma que “a criança pode não saber ainda ler e escrever, mas ela já produz texto: ela pensa, fala, se expressa”. Segundo Magda, um programa de formação de leitores deve se preocupar também com o desenvolvimento do professor como leitor, “porque se a 11 pessoa não utilizar e não tiver prazer no convívio com o material escrito, é muito difícil passar isso para as crianças” (MARICATO, 2005, p.18).

Partindo dessa perspectiva, é fundamental que o trabalho desenvolvido tenha um bom planejamento didático, em que textos trabalhados na sala sejam previamente selecionados pela professora na realização do plano de aula, seguindo critérios como escolha do gênero de acordo com a faixa etária dos alunos, e principalmente, que os textos estejam relacionados com a realidade na qual essas crianças estão inseridas.

Para formar uma sociedade de crianças que se tornem futuros adultos leitores, é indispensável que seja oportunizado o acesso ao máximo de gêneros textuais possíveis, possibilitando aos alunos o conhecimento dos diferentes padrões e linguagens que são utilizados nos diferentes textos que se apresentam em uma sociedade. Visto que não é possível que um professor que não goste de leitura e não tenha o hábito de realizar atividades com leitura com os seus alunos, seja capaz de influenciar e transformar seus alunos em leitores assíduos.

4.2 Gêneros textuais

O desenvolvimento de boas práticas metodológicas, envolvendo a leitura, deve partir inicialmente da seleção dos gêneros textuais a serem trabalhados. Uma vez que cada gênero apresenta padrões de escrita distintos, que devem ser oportunizados aos alunos conhecerem.

Os gêneros textuais são elementos de comunicação e ferramenta de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, dessa forma, os diversos gêneros textuais que transitam em nosso meio social se configuram como elementos essenciais que precisam ser abordados nas atividades pedagógicas cotidianas na sala de aula. Dell'Isola (2007, p.12) afirma:

Como preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP) é imprescindível o investimento no trabalho com gêneros textuais em sala de aula, pois os alunos devem ser capazes de ler textos de diferentes gêneros “combinando estratégias de decifração com estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação”.

Os alunos estão constantemente em contato com a diversidade de gêneros textuais, tanto no contexto da escola quanto fora dela. Nessa perspectiva cabe à escola realizar atividades que promovam o desenvolvimento do conhecimento e da compreensão dos gêneros textuais, de forma que os alunos se apropriem dos diversos padrões textuais existentes e que possam fazer uso em seu cotidiano.

No entanto, é válido ressaltar que segundo Carla Coscarelli:

[...] Gênero não deve ser matéria a ser dada ou conteúdo a ser cumprido. Nossos alunos não precisam ficar classificando textos em gêneros nem saber de cor as características de todos os gêneros textuais [...]. A ideia de trabalhar com os gêneros na escola surgiu da necessidade de trazermos o contexto. (COSCARELLI, 2007, p. 81).

Nesse viés, os gêneros textuais precisam ser compreendidos como algo de uso diário presente em diferentes contextos e situações, uma vez que os gêneros são produtos dinâmicos de práticas interativas desenvolvidas culturalmente. O sujeito que tem a capacidade de fazer uso de uma maior variedade de gêneros textuais, têm acesso mais viável e facilitado a situações sociais compostas por diferentes linguagens. Segundo Brandão (2001, p. 40):

Ensinar a língua é desenvolver a competência comunicativa do educando e, considerando o texto como uma unidade de comunicação, para nós, o aluno deve ser exposto a diferentes tipos de texto e de gêneros discursivos para apreender o que os caracteriza em suas especificidades e naquilo que os identifica.

Dessa forma a escola, deve ter como objetivo não somente no desenvolvimento do trabalho sistematizado do ensino da língua e dos gêneros textuais, mas também abordar os fatores culturais presentes nos textos, através de situações do cotidiano

em que o aluno seja instigado a explorar as diversas possibilidades de ensino, capacitando o mesmo para fazer uso com destreza do sistema de escrita.

Entretanto, antes de levar os gêneros textuais para a sala de aula, o professor como agente ativo no processo de alfabetização precisa decidir quais são as suas metas a serem atingidas e quais as melhores estratégias para alcançar seu objetivo. Ao pensar em quais gêneros usar na aula, o professor precisa refletir sobre qual o material pode ser o mais adequado aos seus propósitos.

Após traçar suas metas e escolher o melhor material a ser usado, o professor precisa ter total clareza sobre cada gênero que se pretende trabalhar, para que tenha capacidade de criar situações para que os alunos possam refletir sobre em qual situação um determinado texto se encaixa.

O importante é que os alunos se apropriem das especificidades de cada linguagem, sem perder a visão do todo no qual elas estão inseridas, e observem que as particularidades têm sentidos construídos para determinados fins. Mais do que isso, é relevante que compreendam que as linguagens estão em constante processo de mutação e que todos participam deste processo direta ou indiretamente (BRASIL, 2017, p.65).

Nesse viés, a Base Nacional Comum Curricular (2017), apresenta os gêneros como oportunidades que podem oferecer aos alunos as diversidades e particularidades linguísticas que os mesmos apresentam, possibilitando o conhecimento de saberes linguísticos, uma vez que é através da língua que o sujeito se comunica, se expressa, compartilha e constrói sua visão de mundo e dessa forma produz e partilha conhecimento.

Brandão (2001) afirma que, criar meios para que o aluno se aproxime de textos autênticos e ensiná-los a analisar as estratégias discursivas, de como que se tecem os diferentes gêneros, o que pode ajudar a formar indivíduos mais críticos, leitores mais competentes e conseqüentemente cidadão mais capacitados.

Dentre os diferentes gêneros textuais podemos citar: textos da ordem de narrar (contos, fábulas e lendas); texto da ordem de relatar (notícias, diários relatos históricos); textos da ordem de escrever (receitas, regras de jogos regulamentos); textos da ordem de expor (artigos científicos, seminários e conferências). (Brasil, 2007).

Através de brincadeiras os professores também podem possibilitar reflexão da língua escrita, e utilizar alguns gêneros específicos, como: cantar músicas e cantigas

de roda, recitar parlendas, poemas, fazer desafios com adivinhas, brincar do jogo da forca e jogo de adedonha, entre outros.

Nessa perspectiva é indispensável que a escola desde a Educação Infantil, promova atividades que envolvam a diversidade de gêneros textuais, possibilitando aos alunos construir conhecimento sobre a diversidade de gêneros reais em seus usos na sociedade.

5 A CONCEPÇÃO DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS SOBRE O ATO DE LER

A pesquisa é um meio pelo qual buscamos analisar a realidade a partir de um determinado referencial teórico, levando em conta a obtenção de resultados importantes para a compreensão de determinados fenômenos sociais, no caso dessa pesquisa compreender determinados fenômenos educacionais.

5.1 Percurso metodológico

O que se espera sempre de uma pesquisa é seriedade, responsabilidade e comprometimento. Dessa forma a elaboração de um percurso metodológico, é uma importante ferramenta a qual agrega vários caminhos com métodos e técnicas para que se possa realizar uma pesquisa científica, se caracterizando como manual no qual direciona o pesquisador no desenvolvimento da sua pesquisa. Desse modo buscou-se uma fundamentação metodológica sistematizada e coerente com os objetivos propostos nesta pesquisa.

5.2 Abordagem de pesquisa

Como abordagem de pesquisa optou-se pela qualitativa, partindo da ideia de que nesse tipo de abordagem as interações entre o pesquisador e os participantes, que nesse caso serão as entrevistadas, poderão ocorrer em um contexto social real. Dessa forma obtendo maior riqueza em detalhes, visto que o pesquisador tem a oportunidade de dialogar e refletir no *locus* de atuação das entrevistadas, a escola.

Ludke e André (1986) apontam cinco características básicas presentes no estudo de abordagem qualitativa:

1. A pesquisa qualitativa tem um ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.[...] sendo assim, as circunstâncias particulares em que um determinado objeto se insere são essenciais para que possa entendê-lo. Da mesma maneira as pessoas, os gestos, as palavras estudadas devem ser sempre referenciadas ao contexto onde aparecem.
2. Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações e acontecimentos [...] todos os dados da realidade são considerados importantes [...]
3. A preocupação com o processo é muito maior que com o produto. O interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas.

4. O “significado” que as pessoas dão às coisas e a sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a “perspectiva dos participantes” [...]
5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da inspeção de dados num processo de baixo para cima [...] (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.11-13).

A abordagem qualitativa proporciona assim, o diálogo e criação de sentidos e significados, pois através desse diálogo o pesquisador tem a possibilidade de interpretar e analisar os dados observando as muitas dimensões que influenciam o sujeito pesquisado.

5.3 Entrevista estruturada

Selecionar adequadamente o instrumento de geração de dados nos permite acessar informações diretamente dos sujeitos pesquisados. Desse modo o instrumento selecionado deve ser coerente com o objetivo que se busca alcançar. Nesse estudo selecionamos como instrumento a entrevista semiestruturada como meio de conhecer a compreensão das professoras sobre a leitura no processo de alfabetização.

A realização da entrevista deve ser planejada de modo sistemático e criterioso de modo a garantir a seriedade do processo. Nessa perspectiva o investigador, deve agir sempre com ética, respeito, discrição durante toda a sua realização.

O entrevistador deve dar ciência ao entrevistado de todos os procedimentos a serem utilizados para a manutenção do sigilo, devendo também transmitir-lhe tranquilidade a esse respeito, verificando quais as consequências para ambos se o sigilo não se mantiver (ROSA; ARNOLDI, 2008, p. 43).

Nessa pesquisa a entrevista escolhida foi a estruturada, visto que essa modalidade de entrevista permite um diálogo com o entrevistado, de forma que o mesmo possa se expressar livremente em relação aos questionamentos, sendo possível para o entrevistador capturar uma maior riqueza em detalhes das respostas, sendo assim uma ótima forma do pesquisador interpretar a realidade com base nos depoimentos obtidos.

5.4 Realização da entrevista

A entrevista foi realizada com duas professoras que atuam em turmas de primeiro ano do Ensino Fundamental que atuam em uma escola da Rede Pública no município de Imperatriz Maranhão, localizada no bairro Vila Lobão. A escola funciona em dois turnos, matutino e vespertino e acolhe cerca de 243 alunos matriculados atualmente.

No primeiro dia fui à escola apenas para conhecê-la, me apresentar como estudante do curso de pedagogia e falar sobre o meu objetivo ao realizar a pesquisa. A gestora apesar de um pouco resistente autorizou que a entrevista fosse realizada na escola e combinou de informar as duas professoras que seriam entrevistadas. Entretanto, ao chegar na data marcada pela diretora da instituição fui informada que a mesma ainda não tinha informado as professoras sobre a realização da entrevista, essa falha de comunicação não inviabilizou a realização da entrevista, embora tenha gerado um desconforto por parte das professoras por não terem sido comunicadas previamente.

As entrevistas ficaram marcadas para o dia 21 de maio, na parte da tarde e 22 de maio no turno da manhã. Dessa forma dia 21 cheguei a escola na parte da tarde para realizar a primeira entrevista com a professora que iremos denominar de professora A. Essa professora a princípio não se mostrou, à vontade e disposta a ser entrevistada, uma vez que como mencionado anteriormente, a mesma não havia sido informada previamente sobre a entrevista, mas por fim aceitou responder as perguntas, entretanto, não permitiu que fosse gravada.

No dia seguinte, dia 22, compareci à escola no turno da manhã para entrevistar a segunda professora que denominaremos de professora B. Apesar de, também, não ter sido comunicada previamente, a professora não demonstrou resistência em contribuir respondendo às perguntas, demonstrando boa receptividade e simpatia.

O roteiro da entrevista foi elaborado de modo a contemplar os seguintes temas: processo de alfabetização e letramento, os métodos de alfabetização, os gêneros textuais e a leitura no processo de alfabetização. A seguir será apresentada a análise das respostas coletadas.

5.5 Analisando a compreensão das professoras alfabetizadoras sobre a importância da leitura no processo de alfabetização

A professora A se formou em 2010, no curso de pedagogia em uma faculdade privada de Imperatriz. Atualmente trabalha com dois turnos, entretanto em escolas diferentes. Pela manhã atua em uma turma de segundo período e no turno matutino com a turma de 1º ano. A professora relatou que já trabalha com o primeiro ano a alguns anos e acredita que essa já seja sua sexta turma.

A professora B é formada em pedagogia, e a mesma concluiu o curso em 2007. Atualmente trabalha em dois turnos, pela manhã na turma de 1º ano e na parte da tarde na educação infantil. A professora B diz se identificar mais com turmas de crianças menores, entre maternal e 1º ano, e essa está sendo sua terceira turma de 1º ano.

5.5.1 Alfabetização e Letramento

O processo de alfabetização e letramento são processos relevantes e indissociáveis, que devem ser desenvolvidos desde a educação infantil, com maior ênfase nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em especial no primeiro e no segundo ano. Dessa forma, é indispensável que a professora alfabetizadora tenha compreensão teórica acerca desses processos e de como eles podem ser desenvolvidos de modo simultâneo.

Partindo desse pressuposto, foi realizado o seguinte questionamento:

De acordo com a sua compreensão, como você define o processo de alfabetização?

A alfabetização é a base da educação, porque sem o aprendizado da alfabetização não se é possível que o aluno possa aprender a ler e escrever direito e se desenvolver nas outras disciplinas, porque todas as disciplinas têm textos e escrita. Professora A (grifo nosso)

A alfabetização é a base da educação e o processo mais importante do aprendizado, pois uma criança que tem a oportunidade de fazer um processo de alfabetização bem feito, no decorrer das outras turmas que virão pela frente vai se lapidando e aperfeiçoando seu conhecimento, ao contrário da criança que não consegue se apropriar desse processo que acaba tendo muitas dificuldades em acompanhar as séries seguintes. Professora B (Grifo nosso)

A professora A afirma que a alfabetização é a base da educação, uma vez que sem ela o aluno se torna incapaz de se apropriar da escrita e da leitura. No entanto, através dessa resposta ela acabou enfatizando mais sobre as consequências que o

não aprendido da leitura e da escrita pode trazer para os indivíduos, pouco explanando sobre a especificidade do processo de alfabetização.

Professora B assim como a professora A acredita que a alfabetização é a base da educação, entretanto assim como a professora anterior, ela também não foi capaz de conceituar o que é a alfabetização, apresentando apenas os benefícios e consequências que a alfabetização pode ter na vida do aluno.

Através das respostas de ambas, é possível analisar que tanto a professora A quanto a professora B, tem concepções pouco fundamentadas sobre o conceito do processo de alfabetização, uma vez que suas respostas trazem enunciados pouco específicos, apresentando apenas a alfabetização como um processo relevante por ser a base do ensino, entretanto ambas não foram capazes de elaborar um conceito teórico.

Soares (2004) descreve a alfabetização como processo de aprendizagem da língua escrita, que consiste na aquisição das habilidades de ler e escrever. Contudo, a autora defende que, alfabetizar-se se restringe não apenas a aprender a decodificar sinais gráficos, mas também apropriar-se da escrita como prática social, compreendendo seu uso e significado no mundo.

A alfabetização faz com que o sujeito possa se desenvolver tanto intelectualmente quanto socialmente, uma vez que o processo de alfabetização, apesar de geralmente só iniciar, de modo sistemático, na escola em especial nos anos iniciais, é presente bem antes na vida da criança, uma vez que ela interage com materiais escritos em sua vida cotidiana.

Na mesma linha de pensamento, também foi questionado as professoras o que elas compreendiam sobre o que é o letramento:

O letramento é um elemento importante, pois **é indispensável que as crianças se apropriem das letras e seus sons**. Professora A (Grifo nosso)

O letramento por sua vez, é de suma importância, sem sombra de dúvidas, pois sem o letramento a criança não tem como se desenvolver, **porque a criança precisa conhecer as formas das letras, então deve-se trabalhar as quatro formas das letras, pois se a criança não aprender essas diferentes formas de escrever terá muitas dificuldades no futuro**. Então deve-se iniciar a introdução da letra cursiva desde a alfabetização. Professora B (Grifo nosso)

Através das respostas, pode-se compreender que as professoras desconhecem o conceito de letramento e a sua real importância no processo de

aquisição da língua escrita, uma vez que a professora A compreende o letramento como a apropriação da grafia e dos sons das letras do alfabeto. A professora B por sua vez compreende letramento como o aprendizado dos diferentes tipos de letras.

O letramento está relacionado a apropriação do código escrito e seu uso em práticas sociais do cotidiano. Nessa perspectiva, Soares explana:

O letramento, é o uso que se faz da língua escrita com toda sua complexidade, em práticas sociais de leitura e escrita, é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, e que usa socialmente a leitura a escrita, que pratica e responde adequadamente às demandas sociais. (SOARES, 2001, p 39-40).

Como é possível observar as professoras estão muito distantes do conceito de letramento e a da sua relevância para o processo de alfabetização. Dessa forma pode-se compreender que as mesmas por desconhecerem o processo de letramento e como ele corre, e conseqüentemente não realizam práticas de letramento na sala de aula.

Em seguida após as professoras responderem os questionamentos sobre os conceitos de alfabetização e letramento, foi realizada a seguinte pergunta:

De acordo com a sua experiência como alfabetizadora, você acredita ser possível alfabetizar sem letrar?

O letramento é muito importante, para que a criança possa ser alfabetizada, **pois se a criança não tiver se apropriado das letras do alfabeto ela não terá capacidade de juntá-las e formar palavras com autonomia.** Por isso eu trabalho diariamente o alfabeto com os meus alunos para que eles se apropriem das letras e dos seus sons. Professora A (Grifo nosso)

O letramento é de suma importância, sem o letramento não tem como uma criança desenvolver no meu ponto de vista, **porque a criança precisa conhecer as formas das letras, elas precisam conhecer as quatro formas, pois caso elas não aprendam não saibam diferenciá-las entre maiúsculas e minúsculas, bastão e cursivas elas terão muita dificuldade no futuro,** apesar de dizerem que na alfabetização ainda não é o tempo ideal de apresentar as letras cursivas, eu prefiro iniciar a introdução das quatro formas logo aqui para evitar dificuldade e frustração no futuro caso a criança chegue em séries seguintes sem esse conhecimento. Professora B (Grifo nosso)

A professora A novamente apresenta um conceito de letramento que se restringe a apropriação do alfabeto e dos sons das letras, e afirma trabalhar diariamente o alfabeto para que dessa forma as crianças se apropriem das letras e tenham capacidade de juntá-las formando sílabas e futuramente palavras. A partir dessa explanação, compreende-se que a professora utiliza o método sintético de

alfabetização em suas aulas, no qual deve-se iniciar da menor parte da unidade linguística para o todo.

De acordo com a professora B, o letramento é sim importante para o processo de alfabetização, no entanto assim como anteriormente a mesma relaciona o letramento à apropriação das letras do alfabeto e suas respectivas formas.

Inicialmente as professoras estão corretas quando afirmam que sem o conhecimento da grafia e do som das letras não é possível que a criança seja alfabetizada. Entretanto, desse modo o ensino está restrito apenas ao processo de decodificação e codificação. Compreende-se que a alfabetização e o letramento são processos indissociáveis, e que devem ser desenvolvidos juntos, como afirma Soares (2012) o ideal é se alfabetize letrando.

Contudo pode-se compreender que as professoras estão distantes teoricamente dos reais conceitos de alfabetização e letramento e consequentemente essa limitação impedem que realizem uma prática na qual ambos os processos sejam desenvolvidos de modo simultâneo.

5.5.2 Métodos de Alfabetização

A questão dos métodos é um fator muito importante quando se fala em práticas de ensino da leitura e da escrita, visto que, por muito tempo acreditou-se que para alfabetizar era necessário o uso de métodos, fossem eles sintéticos ou analíticos.

A Partir da relevância do método para a compreensão do desenvolvimento de atividades para o ensino da leitura e da escrita foi realizada a seguinte pergunta: Como alfabetizadora, qual a importância do uso de métodos para você? Qual ou Quais você usa?

No meu ponto de visão, **os métodos eles são importantes porque eles ajudam a orientar o nosso trabalho, não como se fosse uma receita como se fazia antigamente que era seguido à risca os métodos tradicionais**, mas os métodos tradicionais ainda hoje estão sim muito presentes e eu acredito serem muito úteis, **porém eu sempre vou usando coisas diferentes na medida do possível também para não deixar as aulas muito cansativas, realizo atividades com músicas**, chamo os alunos de um por um para ir juntando sílabas no quadro e formar palavras, faço atividades de pintura dirigida, pois apesar de já estarem no primeiro ainda eles ainda gostam muito de pinturas. Professora A (Grifo nosso)

Os métodos são importantes tanto os tradicionais quanto os atuais, mas **eu tento sempre usar não somente o tradicional, mas ficar sempre mesclando, os dois juntos, pois segundo as orientações dadas pelas**

formações nos é orientado sempre usar o lúdico, dessa forma eu faço uso dos dois eu não abro mão do tradicional, mas eu sempre incluo o lúdico sempre trago desenhos, brincadeiras, trabalho as sílabas com jogos e desenhos boto as crianças para completarem palavras no quadro entre outras coisas. Professora B (Grifo nosso)

A professora A embora faça uso do método sintético, e ache-o útil, afirma ser cansativo para os alunos e por isso intercala com outras práticas, com o intuito de tornar o processo menos exaustivo. Desse modo a professora busca atividades lúdicas como estratégia, pois segundo a mesma, são atividades que agradam os alunos. Um fato relevante na fala da professora é a prática de chamar os alunos a frente para formar palavras no quadro. Essa prática pode ser constrangedora para os alunos que ainda têm dificuldades com a leitura e escrita.

Assim como a professora A, a professora B também afirma fazer uso dos métodos sintéticos, entretanto aponta que mescla com outros métodos mais atuais, com o intuito de atender o que é solicitado e ensinado nas formações, que enfatizam a importância de tornar o processo de alfabetização mais lúdico.

A professoras acreditam na importância do método, no entanto afirmam não fazerem uso de um tipo de método específico, de acordo com as falas é possível entender que as professoras, como elas mesmo dizem, usam principalmente o método sintético, considerado tradicional, uma vez que com esse método se sentem mais seguras, e somente em alguns momentos tentam intercalar com as atividades sugeridas nos livros didáticos e com as orientações dadas pelas formações, que orientam que o processo de alfabetização precisa ser lúdico. Contudo, é possível notar que as professoras, mesmo que ainda façam uso dos métodos sintéticos, já percebem que esse método já não atende as necessidades dos alunos, e estão em busca de tentar modificar algumas práticas, trabalhando atividades mais lúdicas para os alunos.

5.5.3 Leitura no processo de alfabetização

A leitura é um elemento primordial para desenvolvimento no processo de alfabetização e letramento e também no desenvolvimento social do sujeito. Uma vez que, a leitura se faz presente em nosso cotidiano, tanto na vida pessoal, profissional e estudantil.

Nessa perspectiva, questionou-se com às professoras, com qual frequência são realizadas atividades de leitura e escrita durante a semana. Considerando aqui a leitura realizada tanto pela professora quanto pelos alunos, sendo as respostas:

Em todas as aulas de Língua Portuguesa que ocorrem duas vezes por semana, são realizadas leituras com a turma, o livro didático sempre traz textos relacionados a aula que será trabalhada no dia e também sempre que trago algumas atividades impressas gosto de inserir alguma leitura pequena. Realizo a leitura dos textos e das atividades em voz alta com os alunos e solicito que eles repitam algumas palavras comigo enfatizando as sílabas que formam a palavra. Professora A. (Grifo nosso)

Todos os dias da semana é trabalhada a leitura independente da disciplina, porque em todas as aulas eu leio os textos e os comandos presentes no livro, sempre peço para alguns alunos leem também, escrevo palavras no quadro relacionadas a aula que será dada e ao texto que foi lido e vou pedindo para os alunos realizarem a leitura das palavras. Realizo atividades de ditado de palavras e caça palavras também e ao fim dessas atividades os alunos sempre vão vindo ao quadro ler as palavras que foram usadas. Professora B. (Grifo nosso).

Pela resposta da professora A, percebe-se que a mesma ainda limita a leitura apenas às aulas de língua portuguesa, e as atividades ainda são muito direcionadas pelo livro didático. Através da sua fala compreende-se que a leitura só é realizada apenas pela professora e os alunos têm o papel apenas de repetir o que foi lido por ela.

Professora B já compreende a leitura de forma mais ampliada, visto que aponta que a leitura pode ser utilizada independente da disciplina. Dessa forma afirma que trabalha a leitura com os alunos em todas as disciplinas. Entretanto, a leitura é realizada apenas pela professora, e por alguns alunos específicos que já conseguem decodificar algumas palavras.

Em relação à participação dos alunos em atividades de leitura e escrita de textos antes mesmo de estarem alfabetizados, a compreensão das entrevistadas foi:

Eu gosto de trabalhar usando mais o método tradicional quando se trata de leitura, sempre apresento primeiramente palavras curtas, depois frases e por fim algum poema ou rima relacionada a palavra, gosto de trazer também desenhos relacionados às palavras que são trabalhadas. Professora A

Eu acho precipitado e cansativo trabalhar com textos principalmente se forem extensos com essa faixa etária, dessa forma sempre priorizo trabalhar primeiramente, palavras e frases curtas, entretanto sempre realizo as leituras dos textos e histórias presentes no livro, mas geralmente são pequenos. Professora B

Como pode-se notar, ambas as professoras acreditam que o melhor é começar o ensino por partes menores das unidades da língua, como palavras e frases curtas, para somente após esse aprendizado fazer uso de textos. Essa ideia está fundamentada nos princípios dos métodos sintéticos, que orientam iniciar o processo de alfabetização pelo mais simples. A fala da professora A remete à proposta metodológica do método fônico da abelhinha, que é um método sintético, no qual se associa a letra e seu respectivo som a um personagem de história.

Os métodos sintéticos partem das unidades menores da língua, como as letras e os fonemas, para a formação de sílabas e, finalmente, de palavras e textos. São métodos que privilegiam a decodificação e a correspondência entre grafemas e fonemas. SOARES (2003) p.45

As professoras, por explanarem em suas respostas, fazerem uso dos métodos sintéticos não compreendem verdadeiramente o que é texto, associando texto sempre a uma leitura extensa e cansativa, dessa forma optando por não fazerem uso de textos antes dos alunos estarem alfabetizados, seguindo a perspectiva de partirem da parte para o todo.

5.5.4 Gêneros Textuais

Os gêneros textuais como elementos de comunicação são recursos valiosos para o ensino do sistema linguístico, desse modo devem ser apresentados e trabalhados com os alunos no cotidiano da sala de aula, pois o contato constante com a variedade de gêneros textuais oportuniza aos alunos ampliar as possibilidades de uso da linguagem em práticas sociais reais.

Nessa perspectiva, questionamos às professoras quais gêneros costumavam trabalhar com seus alunos, e quais preferiam.

Não há um gênero textual específico geralmente lido o que está presente no livro didático, com ressalva de algumas vezes que às sextas-feiras realizo alguma contação de história de fábulas com ensinamentos para descontrair um pouco e servir de exemplo as histórias de atitudes que devem e que não devem ser tomadas. Professora A

Trabalho todos, mas o que eles mais gostam são as musiquinhas e as quadrinhas. Professora B

A partir das respostas, percebe-se que as professoras não demonstraram confiança para explicar sobre o trabalho com gêneros textuais. A professora A

limitou-se a dizer que fazia uso do livro didático, mas não soube explicar o tipo de texto que o livro traz. Enquanto a professora B respondeu de modo genérico que trabalhava com todos os gêneros, podendo assim não falar especificamente sobre quais utiliza. Essas respostas podem revelar insegurança ou pouca fundamentação teórica sobre o trabalho com gêneros textuais e sua importância para o processo de alfabetização. Entretanto, a professora A relatou algo muito comum na educação tradicional, que também esteve muito presente no meu próprio processo de alfabetização, que é a leitura de fábulas com o intuito de dar exemplos e lições nas crianças do que pode ou não ser feito.

Os gêneros textuais são fundamentais para que se possa apresentar ou desenvolver uma proposta de alfabetização e letramento de forma satisfatória. Todavia a limitação teórica das professoras dificulta que esse trabalho seja realizado, desse modo pode-se perceber pelas respostas dadas que ambas estão apenas alfabetizando, mas não letrando.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino da leitura e da escrita é um processo histórico que tem forte influência nas mudanças históricas sociais e econômicas. Ao longo dos anos estudos e pesquisas dão origem à novas teorias educacionais e consequentemente, novas práticas metodológicas, com o objetivo de acompanhar e suprir as novas demandas da sociedade atual.

Nessa perspectiva, o processo de alfabetização e letramento tem recebido influências teóricas e metodológicas principalmente ao longo dos últimos 40 anos. Entretanto, algumas práticas ainda se encontram cristalizadas oferecendo resistência às novas demandas sociais da leitura e da escrita.

Em nossa pesquisa buscamos compreender as influências teóricas relacionadas aos métodos de alfabetização, bem como novas concepções no desenvolvimento da compreensão teórica de professoras alfabetizadoras que podem influenciar suas respectivas práticas metodológicas.

Partindo desse contexto buscamos compreender o conceito de alfabetização e letramento em seus princípios teóricos, uma vez que a compreensão desses princípios implica em uma prática metodológica consciente sobre a leitura e a escrita. Em relação a esse aspecto identificamos que as professoras entrevistadas têm uma visão e um conhecimento bem limitado sobre tal temática, visto que ambas não conseguiram estruturar nem mesmo o conceito de alfabetização. Sobre o letramento o mesmo é compreendido, de modo equivocado, com o desenvolvimento da habilidade de grafar os diferentes tipos de letras.

Em relação à leitura sob a perspectiva dos diferentes métodos de alfabetização foi possível perceber que as professoras ainda estão muito fundamentadas nos métodos sintéticos de alfabetização, uma vez que acreditam nos resultados e acham eficaz, entretanto, afirmam que mesclam com propostas metodológicas mais voltadas para o lúdico, justificando que o fazem para tornar as aulas menos cansativas e também não fugir totalmente do que é solicitado nas formações e nas recomendações que recebem.

Analisamos a percepção das professoras sobre o desenvolvimento de atividades de leitura no processo de alfabetização, constatou-se que as professoras ainda acreditam que para trabalhar com a leitura é necessário começar da parte para

o todo, primeiro trabalhar as letras, sílabas, palavras, frases curtas e por fim textos pequenos. E nessa perspectiva acham precipitado trabalhar com textos com as crianças antes de serem alfabetizadas.

O processo de alfabetização, é um processo complexo e que demanda conhecimento e domínio do real significado da alfabetização e do letramento para que possa possibilitar a aprendizagem da língua a partir de seus usos reais. Entretanto, muitos profissionais ainda se mantêm cristalizados em referenciais teóricos dos métodos tradicionais que pouco contribuem para às exigências de habilidades de leitura e de escrita na atualidade.

Para que essa realidade possa ser modificada de maneira significativa, seria necessário começar as mudanças nas esferas formativas, como a promoção de formações continuadas pela secretaria de educação. Formações que trabalhem as especificidades dos processos de alfabetização e do letramento, ressaltando sua relevância para formar alunos devidamente alfabetizados e aptos a viver em sociedade fazendo uso da língua. Outro tema importante para as formações continuadas é o trabalho com os gêneros textuais, uma vez que a criança precisa desde o início de sua escolaridade ter acesso à diversidade de textos existentes.

Acreditamos que outro aspecto que pode ajudar a transformar práticas tradicionais, que ainda fundamentam o trabalho de professoras no ensino da leitura e da escrita, pode ser o fortalecimento da base teórica e metodológica dos futuros educadores, onde os cursos de formação de professores podem destinar uma carga horária maior para as disciplinas que trabalham o processo de alfabetização, letramento.

Outro fator que dificulta a implementação de novas propostas é a realidade estrutural das salas de aula, em geral muito lotadas, e tendo apenas uma professora para atender um grande número de crianças, em alguns casos, com crianças atípicas que requerem uma atenção especial. A presença de uma professora auxiliar poderia ajudar a amenizar esse contexto que em nada favorece o processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

Nessa perspectiva, percebemos que muitos são os desafios a serem transpostos. Mas dentre tantos, uma mudança de percepção sobre a importância da leitura no processo de alfabetização, a partir de uma concepção de letramento, pode ser um passo importante no sentido de possibilitar os alunos, em especial da escola

pública, a utilizarem a leitura e a escrita de modo contextualizado, fortalecendo assim seu pensamento crítico e reflexivo sobre a sociedade em que está inserido.

REFERÊNCIAS

ALFABETIZAÇÃO e Letramento 1: **Caderno do Educador**, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5707-escola-ativa-alfabetizacao1-educador&Itemid=30192

BAPTISTA, Mônica Correia. **A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância**. In: SOARES, M. Livros para a educação infantil: a perspectiva editorial. Minas Gerais: UFMG, 2010. Disponível em: . Acesso em: 24 de set. 2015.

BRANDÃO, Helena Magamine. **Texto, gêneros do discurso e ensino**. In: _____ (org.). Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Proposta preliminar. Segunda versão revista. Brasília: MEC, 2016.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARVALHO, Maria Elizete Guimarães; BARBOSA, Maria das Graças da Cruz. Memórias da educação: a alfabetização de jovens e adultos em 40 horas (Angicos/RN, 1963). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 11, n. 43, p. 66–77, 2012. DOI: 10.20396/rho.v11i43.8639928. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639928>. Acesso em: 11 jun. 2024.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis: Vozes, 2005.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1994.

COSCARELLI, C. V. Gêneros textuais na escola. **Revista Veredas**, Juiz de Fora, n. 2, p. 78-86, 2007.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

JUSTINO, Maria Inês de Souza Vitorino; BARRERA, Sylvia Domingos. **Efeitos de uma intervenção na Abordagem Fônica em Alunos com Dificuldades de Alfabetização**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Vol. 28 n. 4, pp. 399-407. Out-Dez. 2012.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. Coleção Letramento, Educação e Sociedade.

KLEIMAN, A. B. **Preciso “ensinar” letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Brasília: MEC Campinas: CEFEL/UNICAMP, 2005.

KRETZMANN, Caroline; RODRIGUES, Edile Maria Fracaro. A leitura na educação infantil. **Revista Educere**. PUC-PR, 2006.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARIA, Luiza de. **Leitura & colheita**: livros, leitura e formação de leitores. Petrópolis: Vozes, 2008.

MARICATO, Adriana. O prazer da leitura se ensina. In: **Revista criança**. Brasília-DF, Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Infantil-DPE-SEB.. 2005.

MEIRELES, Eloisa. **A formação de alfabetizadores pelo Método Iracema Meireles**. Rio de Janeiro: Primeira Impressão, 2000.

MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. **Alfabetização e letramento**. Construir Notícias. Recife, PE, v. 07 n.37, p. 15, nov/dez, 2007.

MORTATTI, M. R. **Métodos de alfabetização no Brasil**: uma história concisa [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2019, 175 p. ISBN: 978-85-95463-39-4.

MORTATTI, M. R. L. **Alfabetização no Brasil**: conjecturas sobre as relações entre políticas públicas e seus sujeitos privados. Revista Brasileira de Educação v. 15 n. 44 maio/ago. 2010.

PAIVA, Ivanilda Pereira. **Educação Popular e Educação de adultos**. São Paulo Editora Loyola. São Paulo, 1987.

PAGEL, A. R. **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade / – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.135 p. : il.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: Mecanismos para a validação dos resultados. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008.

SOARES, M. B. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1998.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 25, 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782004000100002>

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo, Contexto, 2003.

SOARES, Magda. **Desafios da Educação**. A alfabetização e o letramento no Brasil, segundo Magda Soares, [s. l.], 22 ago. 2019. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/alfabetizacao-letramento/>. Acesso em: 05/02/2024.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola:** uma perspectiva social. 17. ed. São Paulo: Ática, 2002. E-book.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.